



A METODOLOGIA PARA CIÊNCIAS HUMANAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

GISELE DE FREITAS PAULA OLIVEIRA¹

RESUMO: Este artigo objetiva aprofundar o conhecimento sobre a metodologia para Ciências Humanas proposta pelo Círculo de Bakhtin e particularmente exposta no texto Metodologia das Ciências Humanas, publicado em Estética da Criação Verbal (2003). Sendo o objeto de pesquisa das Ciências humanas expressivo e falante, o grupo russo de filósofos da linguagem assumem que a melhor maneira de compreendê-lo é por meio da dialogia, de uma interação interessada, ética, responsiva e responsável entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Ciências Humanas. Dialogia.

ABSTRACT: This article aims at expanding the knowledge of methodologies for the Human Sciences as the Bakhtin Circle proposed and especially exposed in Methodology to Human Science, published in “Aesthetics of Verbal Creation” (2003). Since the object of study of the Human Sciences is expressive and talkative, the Russian language philosophy group assumed that the best way to understand it was through dialogia, a responsible, responsive, ethical and interested interaction between the researcher and his object of study.

KEY-WORDS: Methodology. Human Science, Dialogia.

OLIVEIRA, G. de F. P. A metodologia para as ciências humanas do círculo de Bakhtin. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Colégio Militar de Belo Horizonte. Mestre em linguística pela UFES. Doutoranda em linguística pela UFES. Professora de Português do Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH).





CONTEXTUALIZANDO O DIÁLOGO

O modelo epistemológico para o fazer científico proposto por Galileu para as ciências em geral, em termos bem simplificados, baseava-se na repetibilidade e quantificação. Optando por esse paradigma, não há espaço para se falar do que é individual e irrepitível, não há lugar para se falar de enunciação, por exemplo.

Ocorre que há certos objetos de estudos que não atendem ao lema escolástico *individuum est ineffabile* e, como tais, não podem ser compreendidos sob a égide do “rigor científico” que socialmente ganhou mais prestígio e é considerado mais elevado: o modelo racionalista.

Assim, para compreender o objeto de estudo das ciências humanas, O Círculo de Bakhtin, em Metodologia das ciências humanas, texto publicado na obra Estética da Criação Verbal (2003) que é uma compilação de diversos textos escritos por Bakhtin sendo muitos deles inacabados, dedica parte de seus esforços para aprofundar os conhecimentos a respeito da metodologia para as ciências humanas e, embora o próprio texto não nomeie dessa forma, compreendemos que a dialogia é tanto uma concepção epistemológica quanto metodológica proposta no artigo para a pesquisa em ciências humanas.

Com o intuito de revisitar os conceitos trabalhados no texto mencionado, organizamos esse artigo da seguinte maneira: na primeira parte falamos sobre as especificidades do objeto de estudo das ciências humanas e sua relação com o pesquisador, na segunda, discorremos sobre a materialidade para a compreensão do sujeito falante e o ato ético de pesquisa, por fim, fazemos algumas considerações que dão um acabamento provisório a esse texto.

1. O OBJETO DE PESQUISA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E O PESQUISADOR

Compreender a natureza do objeto de estudo de uma ciência é um importante passo para a construção de um percurso metodológico que dê conta de compreendê-lo. Assim, é preciso estar ciente se se está diante de um objeto mudo ou diante de um ser expressivo e falante.





As Ciências Naturais e as Ciências Exatas, ao desenvolverem seus estudos, estão diante de uma *coisa muda*, à qual se observa, descreve, pergunta e a resposta não vem de outro a não ser do próprio pesquisador. É por isso que elas falam *sobre* ou *do* objeto, não *com* o objeto. Partindo apenas de uma consciência, essas ciências se colocam em monologismo com seu objeto e, por isso, a explicação torna-se o centro de suas pesquisas.

Já “o objeto de estudo das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*” (BAKHTIN, 2003, p. 395), ou seja, é um ser que enuncia e que se constitui sujeito ao semiotizar e simbolizar. Não é um ser que externa os sentidos formados exclusivamente em seu interior, mas, ao dizer sobre si, sobre o mundo, sobre o *outro*, mostra que não é apenas falado. Ao contrário, conforme Amorim (2004, p. 19) é um *objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante*. Aqui nos vemos diante de uma outra ordem, a qual a relação *sujeito-objeto* é substituída pela relação *entre sujeitos* (FREITAS, 2003, p. 24) e, conseqüentemente, a sua compreensão só pode ser dialógica.

A esse respeito, Bakhtin declara que:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e o falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*. (BAKHTIN, 2003, p. 400)

Por isso, fazer Ciências Humanas é sempre o encontro de duas consciências que, em uma interação dialógica, pesquisador e seu *outro* produzem e negociam sentidos e, ambos, atravessados por diversas vozes e valorações sociais, estabelecem um diálogo no qual a tensão se torna inevitável, afinal, cada um se constitui um centro de valor. Além disso, “considerar a pessoa investigada como *sujeito* implica compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora da





capacidade de construir um conhecimento sobre a sua realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa” (FREITAS, 2003, p.29).

Dialogia e alteridade, portanto, são noções que devem ser compreendidas juntas. Alteridade não apenas no sentido do *outro* como consciência existente fora de mim, não somente como um diferente do meu *eu*, mas alteridade que também engloba o que é estranho e o que é familiar a mim. Dessa forma,

[...]qualquer pesquisa que envolva um encontro entre pessoas, que buscam produzir conhecimento sobre uma dada realidade, se dá em um contexto marcado por um processo de alteridade mútua, em que o pesquisador e seus outros negociam modos como cada um define, por assim dizer, suas experiências na busca de dar sentido à vida. (SOUSA E ALBURQUEQUE, 2012, p.116)

Isso implica dizer que o pesquisador não é distante nem neutro em relação ao seu objeto de pesquisa, ou melhor, ao sujeito cognoscente com o qual interage. Isso se dá porque o modo como o pesquisador compreende não está desconectado do seu modo de avaliar.

Ao buscar compreender esse *outro* que está fora de si, o pesquisador se vale da visão que tem dele a qual ele não consegue ter de si mesmo, pois possui uma posição exotópica que ele jamais terá.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2003, p. 21)

Esse olhar exotópico faz com que o pesquisador consiga adentrar e interagir no horizonte do sujeito cognoscível e colocar-se em seu lugar, mas, ao retornar à sua posição de pesquisador, pode conhecer e compreendê-lo de uma maneira que ele mesmo jamais poderá, afinal, desse lugar exotópico é possível revelar sobre ele aquilo que ele mesmo não pode ver.





Eu devo entrar em empatia com esse indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal como ele o vê, colocar-me no lugar dele, e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2003, p. 23)

Exotopia significa aqui um “desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior” (AMORIM, 2003, p. 14). Nesse acontecimento de aproximação e distanciamento percebemos a incompletude do nosso ser, que sempre pode encontrar no *outro* o lugar possível de uma completude, ainda que provisória.

Assim, ao adotar uma perspectiva dialógica em Ciências Humanas defende-se que é por meio da interação que o pesquisador se aprofunda no conhecimento de seu objeto de pesquisa, o que exige deles (pesquisador e objeto) intensa participação e, conseqüentemente, no processo do desenvolvimento da pesquisa “ambos os envolvidos são constantemente modificados e reconstituídos, isto é, continuamente aprendem e desenvolvem-se por meio das trocas de conhecimentos, expressões, opiniões, enfim, pela interação da linguagem, que possibilita o conhecimento do eu e do tu” (RIBEIRO, 2013, p.112).

2. A MATERIALIDADE PARA A COMPREENSÃO DO SUJEITO FALANTE E O ATO ÉTICO DE PESQUISA

Conforme foi dito anteriormente sobre o objeto falante, que semiotiza e simboliza o mundo e suas experiências, cabe perguntar: por meio de que materialidade é possível compreender esse sujeito? A resposta de Bakhtin (2003, p. 307-308) é que apenas o *texto* é o ponto de partida, pois “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. Texto para o autor é compreendido como enunciado concreto, ou seja, ele revela a alteridade do sujeito, e, portanto, sua relação com outras vozes que circulam socialmente e que o constitui pois, em diálogo constante, assume, nega e ressignifica essas vozes e os valores sociais





entoados por elas. Nesse movimento, o sujeito se dá a conhecer e é conhecido, sempre numa perspectiva de inacabamento do ser, por isso que só se pode compreender o sujeito por meio de textos. Mas, o que caracteriza o texto como enunciado?

Bakhtin (2003, p. 274) diz que a *real unidade* de comunicação discursiva é o enunciado e que esse só existe na forma de enunciações concretas de sujeitos, portanto, é um dado real de uso da linguagem e tem um sujeito, um autor, assim, não é uma abstração.

Ele (o enunciado) é determinado pela ideia (intenção) e pela realização dessa intenção e as “inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto” (*idem*, p. 308). O limite de cada enunciado concreto pode ser definido quando da alternância de sujeitos. Dito de outro modo: quando um sujeito termina seu enunciado, e nesse momento surge a possibilidade de réplica ativamente responsiva, é que se criam os limites do enunciado nos diversos campos de atividades humanas, nesse momento, pode-se ver também a dialogia viva e responsável. É importante ressaltar que essa alternância de sujeito deve ser compreendida em sentido amplo, muito além da interação face a face como em um diálogo convencional, conforme o excerto abaixo esclarece:

Voltemos ao diálogo real. Como já dissemos, trata-se da forma mais simples e clássica de comunicação discursiva. A alternância dos sujeitos do discurso (falantes), que determina os limites dos enunciados, está aqui representada com excepcional evidência. Contudo, em outros campos da comunicação discursiva, inclusive nos campos da comunicação cultural (científica e artística) complexamente organizada, a natureza dos limites do enunciado é a mesma. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Outra peculiaridade própria do texto como enunciado é sua *conclusibilidade* - dizer tudo que se pretende dizer em determinada situação comunicativa - que se caracteriza pelo tratamento exaustivo do objeto de sentido, o querer dizer do locutor e as formas típicas de estruturação do gênero.





É claro que o objeto de discurso em si é inexaurível, no entanto, quando se torna “tema de um enunciado (por exemplo, de um trabalho científico) ele ganha relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor” (*idem*, p. 281).

A intenção discursiva do sujeito, seu querer dizer, pode ser percebida no todo do enunciado, desde a escolha do objeto de discurso, a relação de seu enunciado com outros antecedentes e a forma de gênero escolhida para sua construção. O gênero, por sua vez, é aquela forma razoavelmente estável de produção de enunciado que nos é dada naturalmente assim como a língua materna e, “*em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência” (*idem*, p.282).

Uma outra característica do texto como enunciado concreto é seu *direcionamento*. A interação verbal sempre se dá entre sujeitos, entre um *eu* e um *outro*, portanto, ao construir seu enunciado, o locutor tem em mente um destinatário, o qual leva em consideração na construção do enunciado, afinal, o *outro* não é um ser passivo e calado, ao contrário, é ativo e repleto de respostas. “É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2003, p.301).

É importante lembrar também que o enunciado não se relaciona apenas com o futuro, com as possíveis respostas, mas se relaciona também com enunciados já ditos. Como o objeto de discurso de qualquer texto já foi falado e valorado socialmente, ou seja, várias vozes o atravessam, ao construir seu enunciado o sujeito dialoga com essas vozes e se posiciona, construindo assim seu enunciado numa relação entre passado e futuro. Todos esses aspectos nos mostram que mesmo se baseando em um sistema da linguagem que dá meios para a repetição e reprodução, o texto como enunciado é um evento único, irrepetível e singular.

Sumarizando, em Bakhtin (2003, p. 297) encontramos:





Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” em sentido amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação [...]. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

Assim, para compreender o enunciado como um elo é necessário relembrar que “é impossível uma compreensão sem avaliação” (BAKHTIN, 2003, p.378). O que significa dizer que a compreensão é uma resposta ativa e responsável em relação ao meu *outro* e que sua compreensão não deve se limitar ao tempo presente porque “tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele” (*idem*, p. 263). Por isso, para compreender os enunciados concretos é necessário ir além do presente, e também não se limitar ao passado ou futuro imediatos, é no *grande tempo* que Bakhtin vê a possibilidade de compreender a historicidade dos sentidos que são discursivamente construídos, materializados e compartilhados. A compreensão também requer distanciamento, pois “a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão” (BAKHTIN, 2003, p. 366). Esse distanciamento permite confronto de sentidos e revela, mais uma vez, a importância da exotopia, que significa também não calar a voz do sujeito que compreende. Assim, compreender no ato de pesquisa

implica em uma tomada de posição do sujeito cognoscente sobre o dizer do cognoscível, apontando para uma visão não ingênua do que seja dialogar com os dados, no caso, os enunciados que vão se tornar objeto de análise. (OLIVEIRA, 2012, p.278)

Quando essa interação entre o pesquisador e seu *outro* se realiza, com o sujeito cognoscível dando-se a conhecer e sendo conhecido, cria-se um elo mútuo de compromisso ético à medida que ele se sente responsável pela construção da compreensão de seu outro, e o *outro*, por sua vez, se mostra para o pesquisador e também o modifica com seu olhar. Nesse movimento,





percebemos três momentos de tomada de consciência do sujeito: *o outro para mim, eu para o outro e eu para mim mesmo*. Essa interdependência entre *eu* e *o outro*, revela que nenhum ser tem sua existência em si mesmo de maneira soberana, ao contrário, como interdependentes que somos, sempre buscamos no outro a completude que falta em nós.

Além desse momento de encontro entre o pesquisador e seu outro, a pesquisa também é constituída de uma segunda situação: o momento da escrita do texto de pesquisa. Esse momento é quando se dá forma ao conteúdo até então pesquisado e o pesquisador colocará sua voz, seus posicionamentos, suas avaliações como resposta ao diálogo posto. A escrita do texto de pesquisa, portanto, se constitui um ato. Isso pode ser mais bem compreendido quando voltamos Para uma filosofia do Ato Responsável (BAKHTIN, 2010).

Essa obra, que segundo Ponzio (2016) é um ensaio de filosofia moral, é um texto inacabado de Bakhtin que trás um conceito que permeia toda a sua teoria: o ato responsável.

Para o filósofo russo, o sujeito, ao se perceber único e reconhecer que ocupa um lugar que é só seu, não pode ficar indiferente a essa unicidade. Ele é constrangido a posicionar-se e a responder por seus posicionamentos: não há alibi para sua existência. A realização de sua singularidade se dá na ação individual e não indiferente, no agir em relação ao que não é *eu*, em relação ao *outro*.

Sobral (2005, p. 22) declara que a proposta de Bakhtin é

conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

Só me torno *eu* entre outros *eus*. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é “outro” do outro: eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras.

Essa contraposição entre o *eu* e o *outro* mostra cada um como um universo de valores, pois – segundo Faraco – “o mesmo mundo relacionado comigo ou





com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos” (FARACO, 2003, p. 23). Em outros termos, no *mundo da vida*, a cada momento, somos impelidos a tomar atitudes axiológicas, precisamos nos posicionar em relação aos valores que circulam em nossa sociedade, e a contraposição de valores entre o *eu* e o *outro* é que orienta os atos do sujeito, inclusive seus enunciados. É nesse jogo que emerge a unicidade do sujeito, pois jamais encontraremos duas ou mais pessoas que se relacionam de maneira igualmente idêntica com os valores sociais.

Essa noção de ato responsável e responsivo, particularmente agora falando sobre fazer pesquisa em Ciências Humanas, é um tanto desafiador, pois pesquisar é um evento único e significa agir sobre os outros, afinal, o objeto de pesquisa é um objeto falante e a ação de pesquisa não é unidirecional, mas interação entre sujeitos, o que trás a tona a ética na pesquisa. Ética que deve ser pensada na responsabilidade e responsividade do pesquisador, tanto no momento que está com seu outro quanto na consolidação de sua escrita. Não há alibi para o pesquisador quando ele pensa e assina seu ato de pensar.

Por isso, podemos entender a singularidade do ato de pensar do pesquisador como um claro exemplo da interpenetração do *mundo da vida* e *mundo da cultura*. De modo mais claro: ao pesquisar o *mundo da vida* (das ações e experiências realmente vividas, responsivas e responsáveis) a interação entre o pesquisador e o seu *outro* constitui um evento único e irrepitível, no entanto, quando o sentido e o conteúdo desse evento precisam tomar forma e ser objetivado e registrado em texto, temos a experiência com o *mundo da cultura*. Vemos aqui também uma dupla contribuição da pesquisa como “pensamento sobre o mundo” e “pensamento no mundo”, no primeiro percebemos a intenção de abarcar o mundo através da definição de conceitos e, no segundo, notamos um agir, uma forma de participar no mundo que acaba por transformar, incorporar novos conceitos, compreensões e maneiras de agir. Ou seja, a pesquisa é um ato estético inserido no mundo ético.

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, especialmente na obra *Para uma filosofia do ato responsável*, a discussão se dá quando Bakhtin volta-se para o





mundo da cultura (em que são produzidos conhecimentos e artes) a ele contemporâneo e propõe uma filosofia primeira que consiga compreender o ser enquanto ser, ou seja, o ser em sua existência. Nesse olhar, o autor percebe que o campo da ciência, da filosofia, da ética e estética são carregados de teorismo.

Isto é, a produção de conhecimento realiza-se descolada do ser e de sua existência concreta nos eventos do mundo da vida, gerando dessa forma conhecimentos que remetem, de um lado, para verdades generalizantes, de outro, por apostar em valores abstratamente construídos, apontam para um dever absoluto. (OLIVEIRA, 2012, p. 269)

Essas verdades generalizantes, ou “istina”, do ponto de vista da filosofia primeira do Círculo, na verdade, não passam de uma ilusão do teorismo, possível somente por meio da abstração. Porque todo e qualquer valor só se torna valor se assumido por um sujeito, por meio da ação singular daquele que o reconhece, determina e participa (cf. Ponzio, 2010). Ao invés de “istina”, o que podemos ver no mundo da cultura é “pravda”: verdade sempre transitória e a se construir, assim como os sujeitos a elabora. Esse novo olhar, desmorona a arrogância científica daquelas epistemologias que defendem a verdade única e abstraem a produção de conhecimento da vida realmente vivida.

Nesse ponto, é relevante ressaltar que Bakhtin não é contra a elaboração de construtos teóricos, ele próprio foi um grande pensador. Sua crítica se dá ao modo como esses conhecimentos eram elaborados e disseminados. Normalmente marcados por um tom inquisidor e autoritário que, em nome da cientificidade, apagava o sujeito elaborador de conhecimento e colocava as verdades generalizantes como existentes em si mesmas e acessíveis somente por meio da abstração. O Círculo propõe uma nova visão de produção de conhecimento, na qual, o sujeito é parte integrante.

A dimensão do ato ético, para o Círculo, relaciona-se com a vida, com os acontecimentos cotidianos e a responsabilidade social entre os quais todo sujeito está inserido e transita tomando atitudes axiológicas que são de sua responsabilidade e responsividade. O ético, portanto, é inerente ao humano e se





relaciona com uma tomada de posição diante da vida. No entanto, para o Círculo, o mundo ético não se separa do mundo estético, pois os atos estéticos (sejam eles religiosos, jurídicos, científicos ou outros) se relacionam ativamente com a vida realmente vivida e o sujeito, socialmente constituído e constituinte, lida com o conteúdo-sentido dessas esferas de forma ativa, emotiva-volitiva. Em outros termos: o mundo da cultura, nos seus mais diversos campos de criação ideológica faz parte da vida, portanto, não é autônomo em relação à própria vida. O teorismo, portanto, se torna ineficaz porque jamais conseguirá explicar a vida como um todo, além de abstrair o sujeito do mundo da cultura – amarga herança do positivismo.

Trazendo essa reflexão epistemológica para a discussão aqui travada, compreender a pesquisa como um ato estético inserido no mundo ético é assumir o ato de pesquisar como um ato de criação responsável e, por isso, emotivo-volitivo do pesquisador. A escolha de uma teoria, de um objeto de análise, de uma metodologia, de uma forma de composição para registrar suas análises e descobertas, enfim, o todo do fazer científico, nos mostra que o conhecimento não está fora do sujeito que o produz, ao contrário, é intrínseco a ele e, como ato responsável, humaniza o humano, revela suas vontades e emoções e mostra que não somos seres que produzem em série. É na singularidade da pesquisa, portanto, que a interpenetração do mundo estético no mundo ético pode ser percebida.

Em suma: para o Círculo o ato estético diz respeito ao o ato de criação e o campo teórico/científico é concebido como estético também porque é um campo da criação ideológica. Se assim não fosse, Bakhtin não trataria de Estética da Criação Verbal, falaria apenas da estética da criação literária (como tradicionalmente se concebe).

3. ACABAMENTO PROVISÓRIO

Rompendo a hegemonia do pensamento racionalista, os pensadores do Círculo de Bakhtin pensam em uma metodologia que dê conta de compreender





questões que são inerentes ao objeto falante das Ciências Humanas, tais como alteridade, subjetividade e valoração. Essa perspectiva dá voz aos sujeitos envolvidos na pesquisa (sujeito cognoscível e sujeito cognoscente) e ambos são ouvidos na interação dialógica que se instaura entre eles a fim de compreender a realidade. Incluindo o mundo teórico na vida singularmente vivida, a metodologia dialógica proposta pelos pensadores russos pode ser utilizada para produção de conhecimento nas diversas e complexas áreas de vivência humana. Em todos os casos, o mundo estético sempre estará inserido no mundo ético e, para os sujeitos envolvidos nesse processo, não há alibi para sua existência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1959-61]. Tradução: Paulo Bezerra. Coleção Biblioteca Universal. pp. 393-410.

_____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Vlademir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155 p.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006[2003].

FREITAS, M. T. de A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: Freitas, Maria Teresa; Souza e Jobim, Solange; Kramer, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 26-38. (Coleção Questões de Nossa Época).

OLIVEIRA, M. B. F. de. Um olhar sobre a pesquisa nos estudos do discurso. **Filologia e Linguística Portuguesa**. n 14(2), p.265-284, 2012.

PONZIO, A. A concepção do ato como dar um passo. In: Prefácio. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Vlademir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155 p.

_____. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bkahtin e a ideologia contemporânea. [coordenação de tradução Vlademir Miotello]. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, J. A. A investigação científica em Ciências Humanas no âmbito da teoria de Bakhtin e seu Círculo. In: **II Encontro de Estudos Bakhtinianos. Vida, Cultura e Alteriidade**. [Encontro Bakhtiniano com a Vida, a Cultura e a





Alteridade. EEBA/2013-Caderno 1]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, pp. 27-33.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, S. J.; ALBURQUEQUE, E. D. e. **A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana**. Bakhtiniana, São Paulo, 7(2): 109-122, Jul./Dez. 2012.

